

O TIPO PALAFITA AMAZÔNICO: ENTRE FORMALIDADE E INFORMALIDADE DO HABITAR NA VILA DA BARCA (BELÉM, PARÁ, BRASIL)

EL 'TIPO PALAFITA AMAZÔNICO': ENTRE LA FORMALIDAD Y LA INFORMALIDAD DEL VIVIR EN VILA DA BARCA (BELÉM, PARÁ, BRASIL)

THE 'TIPO PALAFITA AMAZÔNICO': BETWEEN FORMALITY AND INFORMALITY OF HOUSING IN VILA DA BARCA (BELÉM, PARÁ, BRAZIL)

MENEZES, TAINÁ MARÇAL DOS SANTOS

Doutoranda, Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. E-mail: tainamsenezes@gmail.com

PERDIGÃO, ANA KLAUDIA DE ALMEIDA VIANA

Professora Associada IV da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano – LEDH-UFGA. E-mail: klaudiaupa@gmail.com

RESUMO

O conflito arquitetônico entre produção formal de habitação e produção informal tem revelado o papel da vivência espacial de comunidades tradicionais como fator decisivo para adaptação habitacional em programas de reassentamento. Objetivou-se investigar relações espaciais que caracterizam o padrão ribeirinho de habitar, denominado *tipo palafita amazônico*, como apoio à instrumentalização do projeto, visto que o uso de tipos como ponto de partida do projeto amplia possibilidades na concepção arquitetônica ao incluir relações de natureza topológica em complementação aos repertórios formais, tradicionalmente geométricos, no campo da arquitetura. O estudo foi realizado em área de ação governamental de reassentamento habitacional denominada Vila da Barca, na cidade de Belém, Pará, Brasil, abrangendo duas lógicas de ocupação do território: formal, com habitações em sobrados, e informal, com habitações em palafitas. Os resultados alcançados, por uma abordagem multimétodos, evidenciam a identificação dos moradores com princípios do 'tipo palafita amazônico' na área da comunidade em palafitas, e nos sobrados após uma série de modificações realizadas por eles ao longo do processo de adaptação ao reassentamento habitacional. As evidências das respostas dos moradores indicam novos caminhos para as decisões de projeto, sendo a caracterização do tipo palafita amazônico uma alternativa para ultrapassar o olhar técnico pautado em representações geométricas como ponto de partida da concepção arquitetônica.

PALAVRAS-CHAVE: tipo palafita amazônico; processo de projeto; pesquisa em projeto; arquitetura. Amazônia.

RESUMEN

El conflicto arquitectónico entre la producción de vivienda formal y la producción informal ha revelado el papel de la vida espacial en las comunidades tradicionales como un factor decisivo para la adaptación de la vivienda en los programas de reasentamiento. El objetivo fue investigar las relaciones espaciales que caracterizan el patrón de habitar de ribera, denominado 'tipo palafita amazónico', como soporte a la instrumentalización del proyecto, ya que el uso de tipos como punto de partida del proyecto amplía posibilidades en la concepción arquitectónica al incluir relaciones de carácter topológico en complementación a repertorios formales, tradicionalmente geométricos en el campo de la arquitectura. El estudio se llevó a cabo en un área de actuación del gobierno para el reasentamiento habitacional denominado Vila da Barca, en la ciudad de Belém, Pará, Brasil, abarcando dos lógicas de ocupación del territorio: formal, con viviendas en adosados, e informal, con viviendas sobre pilotes. Los resultados obtenidos, a través de un enfoque multimétodo, muestran la identificación de los pobladores con principios del 'tipo palafita amazónico' en la zona comunitaria sobre pilotes, y en las viviendas en adosados tras una serie de cambios realizados por ellos durante el proceso de adecuación al reasentamiento habitacional. La evidencia de las respuestas de los residentes indica nuevos caminos para las decisiones de diseño, con la caracterización del tipo palafita amazónico como alternativa a la superación del aspecto técnico basado en representaciones geométricas como punto de partida para el diseño arquitectónico.

PALABRAS CLAVES: tipo palafita amazónico; proceso de diseño; investigación del proyecto; arquitectura. Amazonía.

ABSTRACT

The architectural conflict between formal housing production and informal production has revealed the importance of spatial experience of traditional communities as a decisive factor for housing adaptation in resettlement programs. The objective was to investigate spatial relationships that characterize the riverside pattern of inhabiting, called 'tipo palafita amazónico', as support to the project's instrumentalization, since the use of types as a starting point of the project expands possibilities in the architectural conception by including relationships of a topological nature in addition to formal, traditionally geometric repertoires in the field of architecture. The study was conducted out in a government action area for housing resettlement called Vila da Barca, in the city of Belém, Pará, Brazil, including two logics of occupation of the territory: formal, with townhouses, and informal, with stilts houses. The results achieved, through a multi-method approach, show the identification of residents with principles of the 'tipo palafita amazónico' in the community area on stilts, and in the townhouses after a series of changes made by them during the process of adaptation to housing resettlement. Evidence from residents' responses indicates new paths for design decisions, with the characterization of the tipo palafita amazónico as an alternative to overcoming the technical look based on geometric representations as a starting point for architectural design.

KEYWORDS: tipo palafita amazónico; design process; Project research; architecture; Amazon.

Recebido em: 29/12/2020

Aceito em: 24/04/2021

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada neste artigo se mostra como um campo fértil para produção de conhecimento em Arquitetura. Assim sendo, os processos e produtos envolvidos no ato de projetar podem ser objetos de uma reflexão teórico-conceitual e metodológica (VELOSO, 2016). Desta maneira, o pensamento sobre a concepção arquitetônica como um processo aleatório de tentativas e erros mostra-se inadequado e as pesquisas nessa área têm cada vez mais confirmado a demanda por um conhecimento próprio. Por exemplo, o espaço da concepção (BOUDON, 2007) evidencia uma série de mecanismos importantes que demonstra um aparato conceitual de apoio à criação independente do objeto arquitetônico.

A discussão sobre o processo de concepção arquitetônica está pautada em uma lógica epistemológica, visto que está centrado na produção de conhecimento sobre o processo, no seu valor operativo e cognitivo, o que para Oliveira (2010) constitui-se um campo emergente na teoria do projeto de Arquitetura e ainda apresenta uma série de lacunas passíveis de investigação. A instrumentalização do projeto, a partir do apoio e desenvolvimento de categorias analíticas (PERDIGÃO, 2019), permite a descrição da configuração do espaço por meio de relações topológicas. Com isso, inclui-se a adoção de temas não tradicionais no percurso projetual, adotados na escala urbana desde a década de 60 do século XX (DEL RIO, 1998) e que passam a ser objeto de conhecimento na escala do edifício, possibilitando ultrapassar a concepção arquitetônica somente por representações geométricas. Assim sendo, a contribuição teórica do tipo em Arquitetura mostra-se adequada para agregar elementos da vivência do usuário ao escopo cognitivo-operativo no percurso projetual, a partir da decifração de relações importantes entre o ser humano e o espaço construído, visto que elas possuem caráter abstrato e não formal.

A investigação do espaço habitado por comunidades ribeirinhas na Amazônia objetiva discutir as relações espaciais significativas entre o morador e a casa, as quais fazem parte de um modo tradicional de habitar, e acontecem em conexão com o meio natural, mas que ao longo dos anos foram se transformando devido aos processos de urbanização e 'modernização' das cidades - embora ainda demonstrando a resistência de uma cultura de raízes caboclas, dotada de uma simbolicidade que, segundo Oliveira e Schor (2008), são destruídas e resistem, pois transformam-se e permanecem no ambiente em que estão inseridas.

Em perímetros urbanos, essas comunidades ocupam espaços de elevada precariedade, áreas alagáveis denominadas de 'baixadas' (ABELÉM, 1988), não necessariamente localizadas em regiões periféricas, considerando a fisiografia de cidades como Belém-Pará, atravessada por mais de 25 canais. Na região essa característica definiu a ocupação do território a partir de duas lógicas: a primeira em terra firme, com cotas de nível entre 4 e 20 metros acima do nível do mar, contornando o desenho dos rios e tornando a malha urbana irregular e com diversos vazios ociosos; e a segunda em planícies alagáveis, com cotas menores que 4 metros acima do nível do mar, as quais destinaram-se às primeiras ocupações informais em palafitas na cidade.

Esses espaços criam demandas de intervenção para melhorias de infraestrutura e qualidade ambiental, contudo, em meio a essas ações, cresce, também, o número de projetos habitacionais ofertados pelo poder público que admitem rupturas com o padrão espacial habitual manifestado pela cultura local, gerando conflito arquitetônico entre o morador e a casa devido à falta de identificação com o novo espaço de moradia. O projeto de reassentamento habitacional da Vila da Barca reflete este dilema recorrente, também intrigante e desafiador para a atuação do arquiteto, visto que o *locus* de pesquisa ainda possui as duas lógicas de ocupação: uma informal, em palafitas, e outra formal, em sobrados, o que o torna fértil por causa da diversidade de apropriação do ambiente construído, entre a formalidade e a informalidade do habitar.

Nesse sentido, apresentam-se resultados da pesquisa de mestrado, desenvolvida entre os anos de 2013-2015 na Vila da Barca, por uma abordagem multimétodo, considerando as três realidades distintas: a produção informal em palafitas, a produção formal em sobrados, e as adaptações realizadas pelos moradores nas habitações em sobrados, constatando-se que na área de palafitas há uma forte identificação dos moradores com o padrão espacial denominado de *tipo palafita amazônico* e na área de sobrados, confirmou-se a hipótese de que os conflitos espaciais buscaram ser amenizados a partir de reformas realizadas pelos próprios moradores, como uma tentativa de resgate a esse padrão espacial, próprio da cultura ribeirinha em perímetro urbano.

Cabe salientar que a dissertação de mestrado desenvolvida estava vinculada a uma pesquisa mais ampla, intitulada *O PAC Urbanização de assentamentos precários em cidades amazônicas: proposta metodológica para avaliação da produção e ocupação humana na política habitacional em Belém e Macapá*¹, que investigou aspectos da adaptação habitacional em unidades multifamiliares construídas por intervenção governamental nessas duas cidades (MENEZES *et. al.*, 2015). Os resultados da Vila da Barca apresentam uma síntese do que foi observado também em outras áreas informais (COSTA *et. al.*, 2015; PERDIGÃO *et. al.*, 2017).

2 O TIPO NA ARQUITETURA

O tipo preenche uma importante lacuna na teoria do projeto referente à concepção arquitetônica a partir de princípios, relações e repertórios abstratos, tendo a produção de conhecimento e uso no projeto de Arquitetura, revelado temas invisíveis e de pouca tradição na arte de projetar. Sua primeira definição foi dada por Quatremère de Quincy no texto *Type*, do 3º volume da *Encyclopédie Méthodique – Architecture*, em 1825, segundo o autor, o tipo desvincula-se da ideia de um modelo geométrico a ser copiado e passa a representar um princípio elementar, produto da ação humana no meio que está inserida (PEREIRA, 2008). Apesar de, naquele momento, estar mais próximo de uma perspectiva metafórica do que técnica ou ação projetual, a teoria do tipo indica subsídios para que ele possa ser adotado como ponto de partida da concepção arquitetônica, contudo, com outra base epistemológica, que transforma o modo de atuação cognitiva e operativa do projetista.

Ao longo dos anos, a teoria do tipo foi sendo interpretada para dar conta das transformações no campo da Arquitetura. As principais mudanças ocorreram na década de 60, já do século XX, visto que o interesse renovado na tradição arquitetônica buscava uma base científica para a disciplina de Arquitetura, com o intuito de estabelecer um elo entre tradição e modernidade a partir da abstração de obras existentes que atuavam como princípio gerador para novos projetos (MADRAZO, 1995), ou seja, o tipo passou a ser visto como um processo criativo, obtendo um caráter operativo. Essa abordagem ganhou expressão em diversas áreas da Arquitetura, como o enfoque urbano tratado por Carlo Aymonino e Vittorio Gregotti, as pesquisas históricas de antecedentes arquitetônicos de Giulio Carlo Argan e as discussões voltadas para o edifício de Aldo Rossi (BARDA, 2009).

A crise do pensamento moderno permitiu que a temática sobre o tipo fosse bastante explorada e um novo enfoque passou a ser dado a esta teoria, associando-o a uma abordagem espacial como uma tentativa de recuperar o respeito ao lugar e à memória coletiva (PERDIGÃO, 2009). Logo, o tipo passou a ser visto como uma estrutura não estática, que coordena os elementos que compõem o projeto, abrangendo a complexidade do meio ao manifestar os modos de vida e as relações do homem com o ambiente, um princípio elementar que rege o espaço (ARIS, 1993), pois está determinado antes da forma arquitetônica ou, conforme Quiroga (2009), sendo a própria ideia que atua no processo de concepção, visto que a ideia implica em relação e não em imagem.

Devido ao amplo significado do termo e da polissemia da palavra são recorrentes as pesquisas sobre tipo que ressaltam aspectos relacionados à forma e/ou à função do edifício, muitas vezes confundindo tipo com tipologia ao invés de enxergar sua relação hierárquica (JACOBY, 2015; PERDIGÃO, 2016). Contemporaneamente, a teoria do tipo vem ganhando apoio da topologia – estudo das relações espaciais – e alguns autores passaram a investigar a configuração espacial dos ambientes em decorrência de atender às relações ‘espaço x indivíduo’ ou ‘espaço x sociedade’, como as pesquisas de Nascimento (2008; 2010) e Amorim (2013; 2015; 2020). Nestas pesquisas, o tipo passa a ser visto como uma estrutura espacial que, quando descrito, identifica relações entre indivíduos por meio de padrões espaciais que refletem suas motivações sociais, passando a apresentar um maior nível de complexidade, como um parâmetro teórico-investigativo, um dado social para a definição espacial das características principais da edificação.

Amorim (2015) diz que a opção por arranjos espaciais, a partir da demanda de um grupo social, constitui a prática do projeto de Arquitetura e a “arquitetura vernácula é uma das expressões desse fazer arquitetônico, aquela que se consolidada no âmbito da cultura dos povos” (AMORIM, 2015, p. 82). Nesta direção, Perdigão (2009) e Perdigão e Bruna (2009) discutem caminhos para associar o tipo às relações de natureza topológica, visualizadas no uso espacial pelos residentes e sua comunidade em relação ao ambiente construído, a fim de que seja possível adotar princípios que agreguem valores culturais ao ato de projetar, baseando-se em relações espaciais já preconizadas por Norberg-Schulz (1971), como relações de proximidade/separação, sucessão/clausura e continuidade, que se materializam no espaço arquitetônico a partir de centros ou lugares (proximidade), direções ou caminhos (continuidade) e áreas ou regiões (limites).

3 O TIPO PALAFITA AMAZÔNICO

O *tipo palafita amazônico* é uma construção teórica que descreve o tradicional modo de habitar dos ribeirinhos na Amazônia ao revelar determinadas relações que caracterizam uma lógica subjacente e socialmente construída, materializada em tipologias típicas como resposta ao sistema de águas, visto que a rede hidrográfica na Amazônia é um poderoso condicionante para ocupação do território (XIMENES, 2015).

Categorizados como Povos e Comunidades Tradicionais (PCT's), de acordo com o Decreto Federal nº 6.040 de 2007, os ribeirinhos são reconhecidos como um grupo culturalmente diferenciado, com formas próprias de organização social e territorial e que atuam por meio da tradição. Nos perímetros urbanos, eles se aproximam

da dinâmica social da cidade, com produção informal de moradia, mas preservando uma “simbolicidade” que se revela na singularidade do espaço construído (ACEVEDO MARIN, 2004).

Essas comunidades demonstram a resistência de uma cultura que se adaptou às terras baixas e alagáveis, a uma floresta densa e ao próprio processo de urbanização da região amazônica, residindo na maioria dos casos em habitações sobre os cursos d’água, na tipologia palafita. A natureza não determina, mas orienta o modo de vida, observado no movimento cíclico das enchentes e vazantes dos rios, que influenciam nas práticas do cotidiano e nas experiências culturais. A tradição é vista na valorização e reprodução de um conhecimento herdado de gerações passadas que aprenderam a viver em contato com o ambiente natural, mas também foram se adaptando ao longo dos anos às mudanças neste cenário, indicando que a tradição não é estática, ela está intimamente relacionada ao cotidiano do espaço vivido (CRUZ, 2008).

O padrão espacial das habitações ribeirinhas na Amazônia traduz o modo de vida estabelecido entre o morador e sua casa e com ambiente que o circunda, a floresta e o ciclo das águas, especialmente. Essas moradias representam uma arquitetura vernácula, entendida como uma arquitetura comum, construída sem interferência de arquitetos ou engenheiros, refletindo com linguagens e expressões o ambiente onde foi formada, próprios da tradição e das aspirações pessoais e coletivas, as quais ultrapassam as necessidades básicas, como o abrigar-se (BARDA, 2009; WEIMER, 2005). Esses elementos registram hábitos remanescentes do processo histórico de origem e colonização do território, relacionados com a hibridização étnica das culturas indígena e negra nordestina (TRINDADE JR., 2002; OLIVEIRA JR., 2009).

Por meio das qualidades desenvolvidas por Norberg-Schulz (1971), relações de proximidade, de continuidade e de sucessão, o *tipo palafita amazônico*, é o resultado da investigação e sistematização desses elementos de base topológica, que tem o intuito de descrever a casa ribeirinha a partir das relações estabelecidas com o ambiente natural e entorno, bem como no interior da própria edificação no qual se incluem as vivências do usuário. Clausura ou sucessão descrevem a relação entre o interior e o exterior de um lugar, os limites e o grau de continuidade entre os ambientes provocados pelos intervalos e aberturas. Continuidade ou separação delimitam direções e caminhos a partir de noções, como acima ou abaixo, vertical ou horizontal, direita ou esquerda, horizonte ou perspectiva, elas são identificadas por meio da circulação. Já a proximidade, diz respeito à distância entre uma região e outra, descreve as relações como longe, perto e centro (NORBERG-SCHULZ, 1971).

O *tipo palafita amazônico* absorve relações de proximidade com a natureza, principalmente com o rio e com espaços de várzea, evidente na maneira como o ribeirinho estabelece sua casa em cima da água, tira seu sustento por meio da pesca e pelos percursos que ele transita, e no interior da casa a partir da disposição dos ambientes internos, podendo citar o banheiro que se localiza dentro ou fora da casa, sempre nos fundos. A floresta e o rio agem como uma extensão da casa gerando uma relação de continuidade entre esses espaços, por uma roça que inicia no quintal e tem continuidade na mata, conforme descreve o sistema mata-rio-roça-quintal (LOUREIRO, 2001) e por elementos que permitem a sucessão ao espaço externo, como o jirau na cozinha, que tem vista para o quintal. As relações de continuidade no interior da casa são vistas através de uma circulação que se desenvolve entre os ambientes de uso, os cômodos muitas vezes são demarcados pelas atividades domésticas, com espaços pouco compartimentados, normalmente não apresentam limites físicos. A sucessão ao ambiente natural ocorre pelo uso dos avarandados e trapiches que atuam como um intervalo entre o interior e o exterior (MENEZES, 2015; MENEZES *et. al.*, 2015). A figura 1 apresenta a síntese sobre a caracterização do *tipo palafita amazônico*.

Em áreas rurais, o arranjo comunitário varia em cada localidade, mas as relações mencionadas encontram-se estreitamente vinculadas ao meio natural, visto tanto em cidades inteiras em palafitas, como a cidade de Afuá, no Pará, em que a população desloca-se através do rio e de estivas, assim como em comunidades mais afastadas, onde se percebe uma distância maior entre as casas, preservando maior contato com a floresta. Razeira (2008) diz que nessas comunidades, as pessoas parecem estar sempre prontas para embarcar. Já em áreas urbanas, a limitação ao acesso a terra e a busca por uma localização próxima aos centros comerciais comprometem a reprodução do sistema e a relação com o ambiente natural, observando-se um menor distanciamento entre as casas e consequente contato menor com o rio e floresta, preservando mais as relações internas ao espaço doméstico.

Quanto mais próximas da “área seca”, mais as comunidades incorporam os códigos da cultura urbana, seguindo os processos de “modernização” da cidade, como acontece na busca por aterramento da área para suprir a demanda sanitária. No entanto, apesar das diferenças de contexto de implantação, visto que o principal deslocamento acontece pela rua ao invés do rio, observa-se que determinadas relações espaciais próprias da tradição cultural ribeirinha ainda são muito fortes, como o frequente banho de rio, por exemplo, refletindo a realidade híbrida em que vivem (CRUZ, 2008).

Por estarem associadas à pobreza urbana (CARDOSO, 2007), devido à utilização de materiais de baixa qualidade construtiva, ausência de saneamento e acúmulo de lixo, em perímetros urbanos essas comunidades são destacadas como indicadores de erradicação e comumente sofrem remanejamento para projetos habitacionais padronizados nos moldes da cultura urbana, comprometendo a identificação do morador com seu habitat natural. A cidade de Belém (PA) reflete esta lógica, o que suscitou a investigação do *tipo palafita amazônico* na Vila da Barca.

Figura 1: Síntese sobre o *tipo palafita amazônico*.

QUALIDADES TOPOLÓGICAS (NOBERG-SCHULZ, 1971)	CARACTERÍSTICAS	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	IMAGEM
RELAÇÃO DE PROXIMIDADE (centro / lugares)	(1) Massas d'água e floresta (perto)		
	(2) Localização do banheiro (nos fundos ou fora da casa)		
RELAÇÃO DE CONTINUIDADE (direções e caminhos)	(1) Sistema mata-rio-roça-quintal (LOUREIRO, 2001)		
	(2) Circulação (condiciona direções internas)		
RELAÇÃO DE SUCESSÃO (limites)	(1) Espaços de transição: avarandados, jiraus e estivas (intervalo entre interior e exterior)		
(1) RELAÇÃO COM O AMBIENTE NATURAL E ENTORNO			
(2) RELAÇÃO NO INTERIOR DA HABITAÇÃO			

Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

4 COMUNIDADE RIBEIRINHA URBANA – VILA DA BARCA (BELÉM, PARÁ, BRASIL)

A Vila da Barca é uma comunidade tradicional que surgiu na configuração urbana da cidade de Belém entre 1920 e 1930, segundo Diogo (2002), quando ribeirinhos migraram em busca de emprego nas usinas de beneficiamento da castanha-do-pará, no matadouro de gado e no curtume Americano após o ciclo da borracha. Está localizada em área estratégica, próxima ao centro da cidade em região de baixada, com uma

composição, em menor proporção, em casas de alvenaria, nas áreas de terra firme, e a maior parte por habitações em palafitas sobre a Baía do Guajará, antes do projeto de intervenção governamental, surgindo daí a denominação “comunidade flutuante” (DIOGO, 2002).

Em decorrência da falta de infraestrutura e saneamento na área, a Prefeitura Municipal de Belém (PMB), por meio da Secretaria de Habitação do Município (SEHAB) apresentou no ano de 2003 um projeto de erradicação das palafitas por meio da implantação de 634 unidades habitacionais em sobrados de alvenaria estrutural, além de saneamento, aterramento, pavimentação e infraestrutura urbana, o qual ainda não teve suas obras concluídas, tendo uma parcela das pessoas já residindo nas habitações em sobrado, alguns em auxílio moradia e outros ainda morando nas habitações informais em palafitas. A figura 2 ilustra a localização da Vila da Barca em relação ao centro histórico e comercial da cidade de Belém-Pará, assim como as habitações em palafita e a intervenção pública em alvenaria estrutural.

Figura 2: Localização da Vila da Barca em relação ao centro comercial de Belém (PA).



Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

O projeto social desenvolvido pela SEHAB no ano de 2004, antes do início das obras, ressalta que a Vila da Barca ficou conhecida como um símbolo de resistência à privatização da orla de Belém, assim como destaca a utilização do rio pelos moradores, seja como transporte, lazer e/ou subsistência. Sobre as habitações do assentamento informal, diz-se que as palafitas, antes do tipo “coréa”, uma espécie de madeira de baixa qualidade e cobertura de palha em duas águas, ao longo do tempo foram sendo substituídas por habitações, ainda em palafitas, mas sem áreas livres no entorno, em madeira cerrada e com cobertura de fibrocimento ou barro. Dependendo das condições econômicas e físicas passaram a variar em tipologias com o uso de

varandas, mais de um pavimento, além da variedade de cores, mas, nas áreas mais adensadas, eram em larga escala de qualidade muito precária (SEHAB, 2004).

O Projeto Vila da Barca surgiu para suprir a demanda por melhorias de infraestrutura e qualidade ambiental em área de baixada, levando a formalidade a estes espaços a partir do reassentamento habitacional financiado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O projeto de arquitetura, elaborado pelo escritório Co.Opera.Ativa do Rio de Janeiro, partiu de experiências anteriores, desenvolvidas em outras regiões do Brasil, seguindo a padronização construtiva em alvenaria estrutural, mas com plasticidade diferenciada, visto no arranjo formal composto por volumes articulados em dois ou três pavimentos com três tipos de plantas de apartamento, uma térrea e duas em sobrados, ganhando alguns prêmios, como “Selo Mérito 2006” concedido pela Associação Brasileira de Companhias Habitacionais e Secretarias de Habitação – ABCOHABS.

Diferente de transcorrer sobre a excelência do projeto, o objetivo da pesquisa pautou-se em discutir os aspectos de adaptabilidade dos moradores, vinculados à sua “ribeiridade” (RENTE NETO; FURTADO, 2015). Nesse sentido, apoiou-se em trabalhos como de Amorim (2011), Santos (2012), Silva (2013) e Sampaio (2013), as quais apontam uma série de problemas enfrentados pelos moradores da Vila da Barca com o projeto habitacional, como a ausência de elementos espaciais de referência da casa anterior, a varanda ou alpendre, que não foram considerados no projeto, motivos estes que levaram à investigação do espaço habitacional pela ótica do modo de vida ribeirinho, a presença do *tipo palafita amazônico* no assentamento informal, onde a comunidade reside em palafitas e nas modificações realizadas pelos moradores no projeto habitacional em sobrados.

5 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória a qual se buscou uma proposição como alternativa metodológica para apoio à concepção arquitetônica de habitação social na Amazônia por meio da sistematização de categorias de base topológica, referenciadas em Norberg-Schulz (1971), e descritas aqui como *tipo palafita amazônico*. A presença das categorias de base topológica foi investigada na comunidade Vila da Barca, em suas habitações em palafitas, e posteriormente no projeto Vila da Barca, a partir das modificações realizadas pelos moradores nas habitações em sobrado, objetivando a comparação entre a produção formal e a informal no espaço habitacional.

A estratégia metodológica da pesquisa científica buscou subsídios em metodologia descritiva e analítica para a investigação acerca da interação entre morador e espaço físico. A metodologia descritiva centrou-se na revisão teórica sobre tipo na Arquitetura, do caráter cognitivo ao operativo, e em pesquisa bibliográfica e documental sobre a tradição e o modo de morar de ribeirinhos no contexto amazônico, para definição do *tipo palafita amazônico*, e da realidade empírica da Vila da Barca para caracterização da área de estudo. Como método analítico, foram utilizados três procedimentos para coleta de dados com os moradores da área: um formulário de natureza quantitativa sobre ‘Adaptação Habitacional’, um instrumento de consulta não verbal sobre a temporalidade do habitar (PERDIGÃO, 2005) com levantamento físico da casa, ambos coletados somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes, e consulta verbal durante uma oficina de adaptação habitacional para registro das modificações realizadas pelos moradores e levantamento físico e fotográfico. O quadro 1 apresenta as técnicas de pesquisa adotadas e os locais de aplicação.

Quadro 1: Técnicas de pesquisa e locais de aplicação.

PRODUÇÃO INFORMAL DE HABITAÇÃO	Identificação do <i>tipo palafita amazônico</i> na Comunidade Vila da Barca (habitações em palafitas).	Aplicação de consulta não verbal sobre a temporalidade do habitar.
		Levantamento do espaço físico e fotográfico de habitações em palafitas.
PRODUÇÃO FORMAL DE HABITAÇÃO	Caracterização do conflito espacial no Projeto Vila da Barca (habitações em sobrado).	Aplicação do Formulário de Adaptação Habitacional.
	Identificação de rupturas e adaptações ao <i>tipo palafita amazônico</i> no Projeto Vila da Barca. (habitações em sobrado).	Levantamento fotográfico das adaptações nas unidades habitacionais. Registro das modificações realizadas e almeçadas pelos moradores na Oficina de Adaptação Habitacional.

Fonte: Menezes (2015).

O formulário foi desenvolvido para a pesquisa *O PAC Urbanização de assentamentos precários em cidades amazônicas: proposta metodológica para avaliação da produção e ocupação humana na política habitacional em Belém e Macapá* com o objetivo de avaliar o ponto de vista do morador sobre a habitação antes e após o reassentamento. Trata-se de um questionário de natureza quantitativa, com algumas perguntas abertas, estruturado em duas partes: a primeira envolve perguntas sobre o antes e o pós-remanejamento/reassentamento e a segunda parte consta de perguntas referentes somente à situação da nova habitação. Foram aplicados 97 formulários para os moradores das habitações em sobrado para atendimento aos objetivos da pesquisa (COSTA *et al.*, 2015).

O instrumento de consulta não verbal sobre a temporalidade do habitar também se dividiu em duas partes: na primeira, o morador realizou desenhos sobre a casa da infância e a casa dos sonhos e registros fotográficos da casa atual sobre o que mais gostava e o que não gostava nela. Já na segunda parte constavam perguntas com informações gerais sobre a casa em que morava. Paralelamente à aplicação das consultas não verbais, foram realizados levantamentos físicos das habitações em palafitas dos moradores entrevistados e registros fotográficos da casa e entorno, além de descrições livres sobre o local e anotação de comentários emitidos pelos entrevistados. No total, foram realizadas cinco consultas não verbal, com levantamento físico e fotográfico das casas.

Para levantamento das modificações realizadas pelos moradores nos sobrados, foi realizada uma oficina na praça do Projeto Vila da Barca, em que os pesquisadores levaram a planta baixa impressa de cada modelo de unidade habitacional para discutir com os moradores sobre as adaptações já realizadas e almejadas. Durante a oficina, o pesquisador apresentava para o morador a planta baixa de sua unidade habitacional para que, em seguida, ele fizesse a leitura da planta e indicasse as alterações já executadas ou pretendidas. Com a aceitação do morador, ele apresentava in loco as modificações realizadas, bem como os motivos para a adaptação. O registro em planta baixa, anotações e fotos foram os dados recolhidos que se referem à vivência espacial do morador.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da aplicação do Formulário de Adaptação Habitacional aos moradores do Projeto Vila da Barca apontaram para a existência de conflito espacial entre o morador e a habitação em sobrado, evidenciando inconformidades de uso na casa atual em relação à moradia anterior. O projeto habitacional ofertado atende em parte às necessidades da comunidade, principalmente no que tange ao saneamento e à infraestrutura urbana, contudo, no que se referem ao espaço doméstico, as respostas são heterogêneas. Algumas famílias estão satisfeitas com a nova tipologia, principalmente aquelas que se encontravam em condições de grande vulnerabilidade construtiva, com riscos decorrentes do local em áreas alagadas e alagáveis. Para elas, o projeto habitacional permite ter acesso à cidade formal por meio da infraestrutura e serviços públicos, mas o espaço doméstico provoca um constante conflito espacial, criando uma precariedade menos visível, relacionada ao padrão habitual que não se confirma no novo espaço, ainda que promova uma “aparência melhor”.

O maior número de respostas, portanto, que condiz com melhorias, está relacionado ao sistema construtivo e ao saneamento. Enquanto que as respostas referentes ao que piorou na nova habitação concentram-se, primordialmente, aos aspectos físico-espaciais e de dimensionamento da casa. Na casa anterior, a relação com a vizinhança, com os familiares que moravam próximos, ter um quintal como extensão da casa, uma varanda para sentar de tarde e espaços amplos, considerando que as habitações atuais possuem configuração mais compacta, são aspectos importantes que não foram atendidos no novo espaço de moradia do reassentamento habitacional. Em suma, os resultados apresentaram que a habitação em sobrados dispõe de cômodos pequenos, em especial, a área de serviço, que não tem lugar para estender roupa, apresenta uma circulação compacta e um banheiro próximo à sala, o que muito difere da configuração espacial da habitação de origem das famílias reassentadas, além disso, ela não possui quintal nem varanda, dois ambientes importantes na configuração espacial do *tipo palafita amazônico*. Diante da extensão do Formulário de Adaptação Habitacional apresenta-se uma síntese do comparativo entre a casa atual e a casa anterior, com algumas falas dos moradores no que tange às respostas de caráter físico-espacial, apresentadas no quadro 2.

Percebe-se que há uma contraposição entre o que piorou e o que melhorou para o morador, ou seja, melhorar no sentido de infraestrutura e piorar no sentido espacial, a não ser em situações de elevada precariedade espacial na casa anterior, como habitações em um único cômodo, neste caso, observa-se também o ganho espacial na proposta formal de moradia. Desta maneira, observa-se que o Projeto Vila da Barca, assim como inúmeros outros projetos ofertados pelo poder público, está incorporado ao discurso de melhoria da qualidade de vida, mas tem atendido prioritariamente a aspectos de infraestrutura e qualidade ambiental, deixando em

segundo plano propostas habitacionais mais voltadas aos padrões espaciais da cultura ribeirinha da Amazônia.

Quadro 2: Comparação entre casa atual com a casa anterior – Categoria Físico-espacial.

Como você considera a residência atual em relação à anterior?	
Resposta Objetiva	Por quê? (Resposta Subjetiva)
Pior	"Minha casa antiga era grande, tinha quintal e aqui tudo é pequeno".
	"A antiga casa era uma casa de verdade, não tem nem comparação com essa".
	"Minha antiga casa era maravilhosa, sinto saudade".
	"Lá era melhor, pois era maior e tinha mais conforto".
	"Não temos privacidade e espaço".
	"Lá tinha quintal, eu era feliz e não sabia".
Igual	"Porém a parte ruim vem com relação à chuva, pois molha toda a casa".
Melhorou	"Melhorou a estrutura, mas perdeu espaço, ventilação, área de serviço muito pequena".
	"Lá em casa era de madeira, era grande e ventilada, aqui é menor e quente".
	"Melhorou, mas não tem privacidade, a casa anterior era muito grande e tinha quintal".
	"O espaço ficou melhor".
	"Aqui não dá rato, mas lá minha casa era grande".
	"Agora tem mais espaço".
	"Tem mais espaço".
	"A casa é melhor em relação a anterior".
Melhorou Muito	"Porque estou morando em uma casa de alvenaria, em um local seco, mas gostava também da minha casa, que apesar de ser de madeira era grande e a família da minha filha morava comigo".

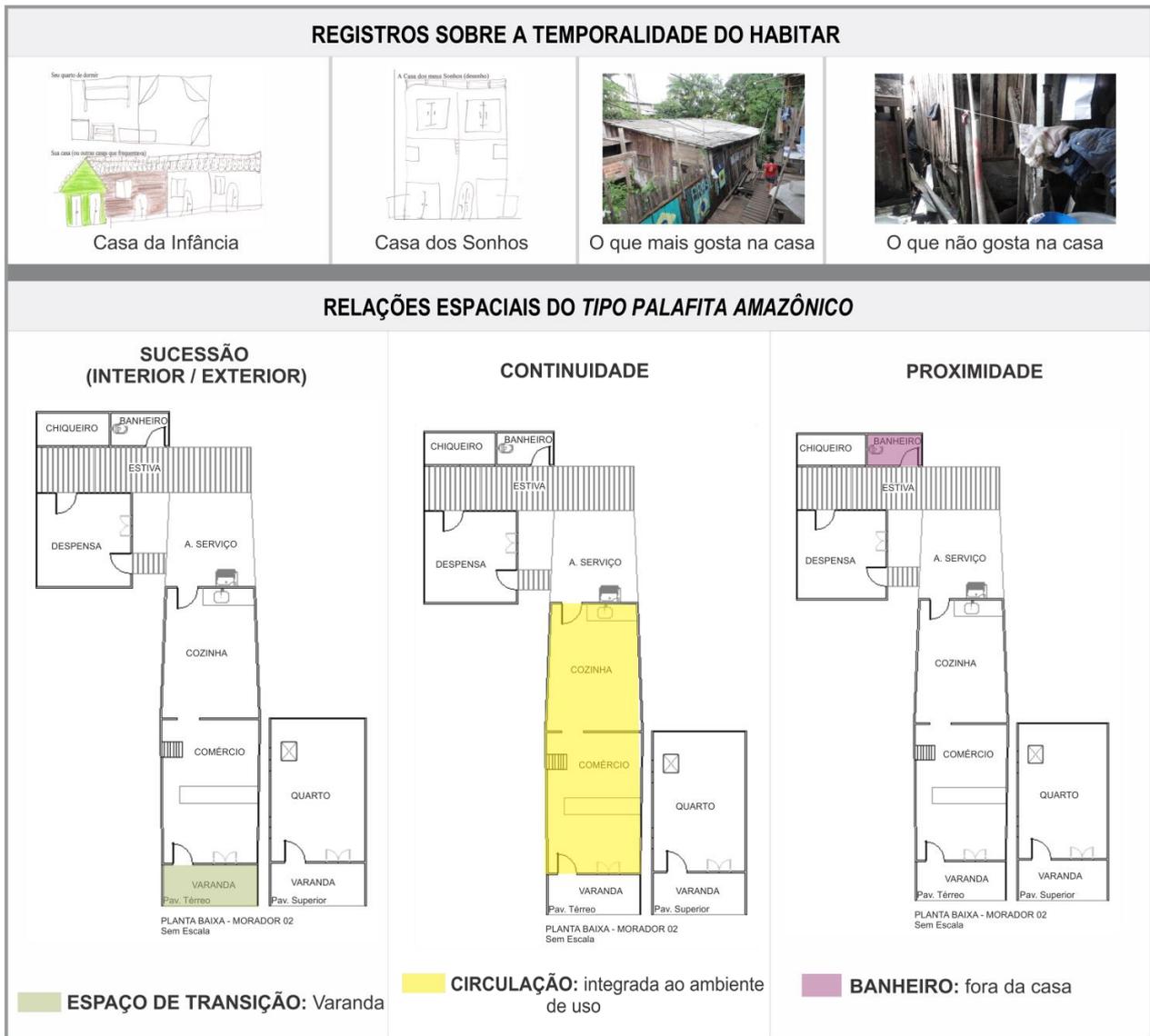
Fonte: Menezes (2015).

Os resultados da consulta não verbal buscaram confrontar os três períodos do habitar (passado, presente e futuro) e identificaram a reprodução das relações espaciais do *'tipo palafita amazônico'* nesses três momentos, por meio da permanência de usos e preferências da casa da infância na casa atual em palafitas e almeçadas para a casa dos sonhos, principalmente quando o passado repercute em boas lembranças para o morador. A análise da planta baixa registra a presença ou não dos padrões espaciais do *'tipo palafita amazônico'* pela identificação de três elementos: espaços de transição, circulação e localização do banheiro, os quais materializam as relações espaciais topológicas de sucessão, continuidade e proximidade, respectivamente. A figura 3 ilustra um dos resultados obtidos dentre as cinco consultas realizadas na Comunidade Vila da Barca.

Com base no exemplo constante da figura 3, compreende-se que o período da infância é retratado por boas lembranças, com detalhes de cada ambiente da casa no interior de Cameté, na beira do rio. Atualmente o que o participante mais gosta na casa é a varanda, que tem vista para um terreno arborizado, lembram as árvores da infância e a tranquilidade do interior, assim como da localização da comunidade que ainda permite tomar banho de rio. Ele não gosta de uma área que sofreu desabamento e quase tirou sua vida, onde está o banheiro e a criação de porcos. Isso repercute na vontade de ter uma casa mais "segura", em alvenaria, mas que seja ampla, com área para os filhos brincarem e um comércio, observado no desenho da casa dos sonhos e no que gostaria de modificar na casa atual.

Na análise da planta baixa da casa atual identifica-se a varanda como o espaço de transição entre o interior e exterior da habitação, evidente também no desenho da casa dos sonhos. No pavimento superior a varanda permite a sucessão ao ambiente natural através da vista para um resquício de vegetação na área, o que era feito pelas aberturas (portas e janelas) representadas no desenho da casa da infância. A circulação se realiza entre os ambientes e pelas atividades, também observada na casa da infância, e o banheiro encontra-se nos fundos, fora da casa.

Figura 3: Análise da Consulta não verbal e levantamento na comunidade da Vila da Barca.



Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

Com base nas respostas dos moradores e dos levantamentos das edificações em palafitas, observou-se, ainda, que na comunidade Vila da Barca há um processo de adaptação do *tipo palafita amazônico* ao meio urbano, o contato com o rio é mantido somente entre as casas que mais adentram a baía, inclusive com a utilização de embarcações, mas nos perímetros mais adensados, a proximidade com o elemento natural é comprometida, evidenciando-se uma tentativa de sucessão ao ambiente natural somente pela verticalização de algumas casas, com o uso de avarandados no segundo pavimento, o que possibilita a visibilidade ao rio e alguns resquícios de vegetação na área, como do exemplo mostrado.

Verifica-se que, no térreo, a varanda ou a estiva atuam como espaços de transição entre o interior e o exterior da casa, permitindo a sucessão por meio de um intervalo entre o público e o privado. A continuidade, que contribui para a sensação de amplitude, ainda é mantida no interior das casas por meio de uma circulação integrada aos ambientes de uso e com o exterior somente nas habitações que ainda mantêm quintal, ou estão de frente para o rio.

Por fim, a localização dos banheiros ainda é nos fundos, ou fora das dependências da casa. A figura 4 ilustra a presença do *tipo palafita amazônico* na comunidade da Vila da Barca.

Figura 4: *tipo palafita amazônico* na comunidade Vila da Barca (PA).

Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

As modificações realizadas e almejadas pelos moradores, registradas em planta baixa, foram analisadas em gráficos a partir da identificação dos mesmos elementos investigados nas habitações da comunidade da Vila da Barca: espaços de transição, circulação e localização do banheiro, a fim de registrar o resgate ao *tipo palafita amazônico* a partir das adaptações ao espaço em uso. Constatou-se que as recorrentes adaptações realizadas, assim como o que os moradores almejam com as modificações futuras, consistem, em parte, na tentativa de reprodução dessas referências da casa ribeirinha. A figura 5 apresenta uma das análises realizadas a partir das informações coletadas na oficina realizada com os moradores do Projeto Vila da Barca sobre adaptação habitacional.

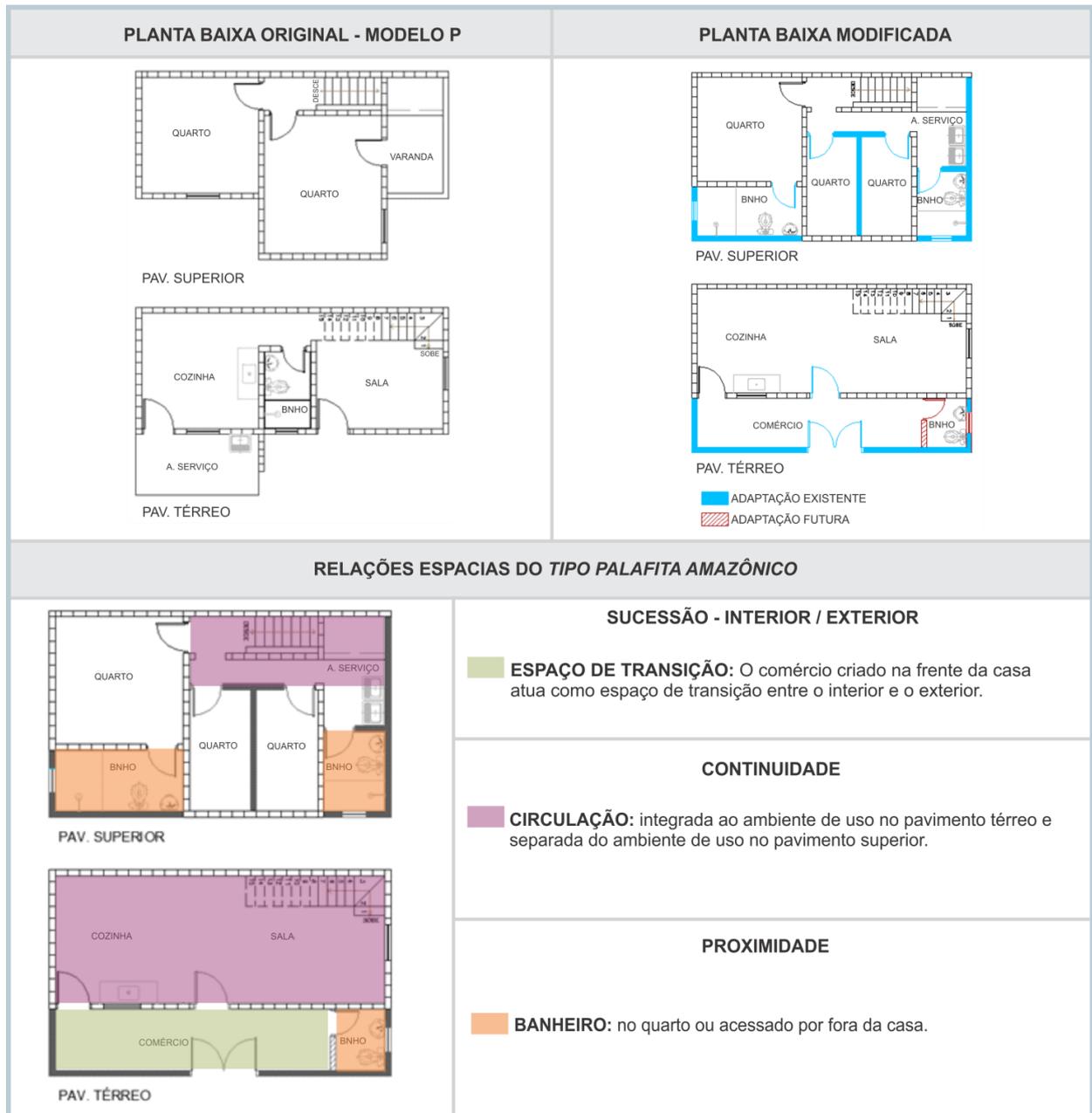
Os resultados apontam que o espaço de transição é uma das primeiras mudanças que ocorre na planta baixa original, o chamado “puxadinho” atua não apenas para ampliar os cômodos da casa, mas também, como o intervalo entre o interior e o exterior, seja através de uma varanda, ou um comércio, como o exemplo anterior. Nas habitações de dois pavimentos a sacada é transformada em varanda coberta para contemplação do rio, mesmo em situações em que houve necessidade de ampliação dos quartos, resgatando a sucessão ao ambiente natural somente através da visibilidade.

Sobre a circulação, evidenciou-se que, devido à configuração compacta do projeto aliada ao sistema construtivo em alvenaria estrutural, o qual dificulta grandes transformações internas, esta se mantém normalmente separada do ambiente de uso, conforme a proposta original, mas no exemplo anterior, a demolição do banheiro entre a sala e a cozinha demonstra o resgate da continuidade através da integração dos ambientes de uso, assim como o alinhamento da porta da sala com a porta/portão da varanda.

O banheiro é evitado no centro da casa, seja através da demolição do lugar original ao projeto, seja através de pequenas adaptações como uma parede que impede a visibilidade deste ambiente através da sala, mas é evidente também dentro dos quartos, não mais apenas no fundo da casa. No entanto, em algumas adaptações o banheiro é acessado através da sacada, como se fosse externo a casa, ao invés de diretamente ao quarto. A figura 6 ilustra algumas reformas realizadas pelos moradores.

Finalmente, a figura 7 corresponde a uma síntese dos resultados da pesquisa.

Figura 5: Resgate ao *tipo palafita* amazônico nas habitações em sobrado da Vila da Barca.



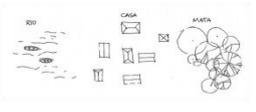
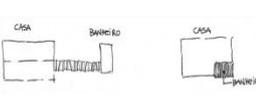
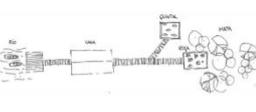
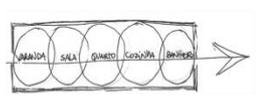
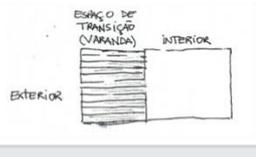
Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

Figura 6: Reformas realizadas pelos moradores no Projeto Vila da Barca.



Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

Figura 7: Síntese sobre os resultados obtidos.

QUALIDADES TOPOLÓGICAS (NOBERG-SCHULZ, 1971)	CARACTERÍSTICAS	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	REFERÊNCIAS AO TIPO PALAFITA AMAZÔNICO	TIPO PALAFITA AMAZÔNICO NA COMUNIDADE VILA DA BARCA	TIPO PALAFITA AMAZÔNICO NAS ADAPTAÇÕES DO PROJETO VILA DA BARCA
RELAÇÃO DE PROXIMIDADE (centro / lugares)	(1) Massas d'água e floresta (perto).				Não ocorre no Projeto Vila da Barca.
	(1) Localização do banheiro (longe do setor íntimo e social, ou fora da casa).				Somente com o reposicionamento do banheiro.
RELAÇÃO DE CONTINUIDADE (direções e caminhos)	(1) Sistema mata-rio-roça-quintal (LOUREIRO, 2001).				Não ocorre no Projeto Vila da Barca.
	(2) Circulação (integração entre os ambientes de uso).				Não ocorre no Projeto Vila da Barca (exceto com o reposicionamento do banheiro).
RELAÇÃO DE SUCESSÃO (limites)	(1) Espaços de transição: avarandados, jiraus e estivas (intervalo entre interior e exterior).				
(1) RELAÇÃO COM O AMBIENTE NATURAL E ENTORNO			(2) RELAÇÃO NO INTERIOR DA HABITAÇÃO		

Fonte: Menezes (2015). Fotografias (Acervo de pesquisa dos autores).

7 CONCLUSÃO

O uso de tipos como ponto de partida da concepção arquitetônica, a partir da reprodução de relações espaciais de natureza topológica, é uma possibilidade de agregar elementos do cotidiano do usuário ao espaço de concepção. No processo de projeto, durante a formação de repertório e definição do partido arquitetônico, seu caráter cognitivo possibilita a abstração dos processos que compõem o meio, já o caráter operativo permite a utilização deste conhecimento na prática projetual, possibilitando assim uma interação entre teoria e prática da Arquitetura. O uso do tipo, portanto, vem demonstrando ser uma importante ferramenta de instrumentalização do projeto de Arquitetura na escala do edifício, abrangendo outras representações espaciais além das geométricas.

Nesse sentido, as reflexões teórico-metodológicas aqui propostas buscam resgatar não apenas o conhecimento sobre o habitar na região amazônica, mas construir categorias de análise arquitetônica que fundamentem a concepção projetual a partir de questões operativas, que incluam aspectos físicos e vividos, superando paradigmas de um pensamento hegemônico na teoria do projeto e nas práticas habitacionais através de atitudes contemporâneas que diferem da racionalidade espacial ainda difundida em larga escala nos projetos de habitação social no país. Semelhante objetivo se vê, por exemplo, em Vassal & Lacaton, ganhadores do Pritzker de 2021, os quais procuram conceber o projeto a partir das relações internas e interno-externa existentes, projetando espaços intermediários como soluções pautadas em flexibilidade e adaptabilidade que buscam a liberdade de movimento das pessoas no interior da casa (DELAQUA, 2021).

É evidente que, diferentemente de cidades que apenas estão localizadas à beira rio, as comunidades ribeirinhas possuem conteúdos socioespaciais que as colocam em outro plano de relações, e eles precisam ser investigados a partir da dimensão do espaço vivido para serem considerados como lógica da produção formal de Arquitetura. Logo, se torna importante compreender quais elementos integra essa paisagem, e sem eles é difícil de identificá-la como tal. Para tanto, a investigação e sistematização do *tipo palafita amazônica*

se fez pertinente, visto que poderá contribuir como lógica de projeto, ao apoiar a elaboração de diretrizes projetuais na Amazônia, efetivando melhorias habitacionais em assentamentos informais de comunidades ribeirinhas por meio da valorização da continuidade de elementos espaciais ligados ao seu modo de vida, além de trazer conhecimento sobre este habitat amazônico.

Reconhecer a importância dessas comunidades, não como resíduos de um tempo passado, mas como uma tradição que convive e dialoga com a dinâmica das cidades, se faz urgente diante de um cenário que busca a “modernização” ou uma falsa apropriação de “modos de vida”, que desconsidera o verdadeiro usuário, ao adotarem propostas que priorizam tendências estrangeiras e padronizadas, pouco se aprofundando nas questões locais. Na escala do edifício, a valorização do processo de projeto é primordial para evidenciar relações importantes entre ser humano e espaço construído e dar conta desta demanda.

Os resultados da pesquisa na Vila da Barca confirmam a presença dos elementos de base topológica, o *tipo palafita amazônico*, nas comunidades ribeirinhas do assentamento informal, principalmente nas relações internas a casa, assim como na busca de adaptações ao meio para manter o padrão espacial, considerando o adensamento urbano que dificulta a relação com o ambiente natural e entorno. A investigação proposta evidenciou que a Vila da Barca apresenta uma identidade cultural persistente, com um tipo enraizado em relações espaciais fundamentais para a identificação e uso do morador para com o espaço físico, revelando que a produção formal de habitação ofertada pelo poder público mostra-se inadequada aos padrões espaciais manifestados na produção informal, ao apresentar conflitos entre morador e a casa, os quais buscam serem amenizados por meio das recorrentes modificações realizadas na casa do pós-reassentamento pelo próprio morador, confirmando a hipótese levantada.

As relações espaciais do *tipo palafita amazônico* não foram decifradas somente com a leitura das plantas baixas, seja das habitações em palafitas ou dos projetos em sobrado, sem o conhecimento sobre o modo de vida e dos hábitos que fazem parte do cotidiano dessas populações, e que, como visto, registra-se desde a infância e são almejados para a casa dos sonhos. Apenas o formulário sobre adaptação habitacional também não aprofunda o tema, visto que as respostas, muitas vezes, se contradizem entre uma pergunta estruturada e sua justificativa. Nesse sentido, a aplicação de técnicas não verbais, como a utilização de desenhos e registros fotográficos, complementam os resultados obtidos, pois representaram elementos importantes reproduzidos nos três períodos do habitar (passado, presente e futuro).

Desta maneira, acredita-se que o padrão ribeirinho de habitar na Amazônia precisa ser cada vez mais investigado e sistematizado como uma construção e consolidação de bases cognitivas e operativas ao projeto, seja pela valorização de técnicas e formas construtivas que fazem parte da aparência desses lugares e adequam-se melhor às condições climáticas e locais, seja no reconhecimento da dimensão vivida, por meio da decifração de relações espaciais que ocorrem entre usuário e ambiente, tanto na escala pública, quanto na relação comunitária e com o meio natural, e na escala privada, com a casa.

Acredita-se que Arquitetura, quando aliada a outras áreas do conhecimento, permite uma maior reflexão e construção de conhecimento perante a proposição arquitetônica. Desta maneira, assim como o *tipo palafita amazônico* se reproduz de modo espontâneo no ambiente ribeirinho, ele também pode ser apropriado pelo arquiteto a partir da compreensão das relações espaciais socialmente produzidas, evidenciando uma linguagem do espaço característica entre morador e ambiente físico e permitindo que as características culturais dessas comunidades possam ser mantidas.

8 REFERÊNCIAS

- ABELÉM, A. G. *Urbanização e remoção: porque e para quem?* Belém: Naea, 1988.
- ACEVEDO MARIN, R. E. *Julgados da terra: cadeias de apropriação e atores sociais em conflito na ilha de Colares*. Belém: UFPA, 2004.
- AMORIM, R. da S. *Processo de reassentamento no Conjunto Habitacional Nova da Barca em Belém/PA*. Belém, 131f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.
- AMORIM, L. Espaço-tipo: de *aa* a *dδ*. In: VI PROJETAR, Salvador, 2013. *Anais...* Salvador: UFBA, PPGAU, 2013. v. 1.
- AMORIM, L. Da origem dos sistemas espaciais. In: VII PROJETAR, Natal, 2015. *Anais...* Natal: Editora Firenzze, 2015. v. 1. p. 73-83.
- AMORIM, L. Forma e espaço: da relação entre composição arquitetônica e configuração espacial à luz da “Lei de Amorim”. *Oculum Ensaios*, 16(2), 2020, p. 311-333. doi:10.24220/2318-0919v16n2a4263.
- ARÍS, C. M. *Las variaciones de la identidad: ensayo sobre el tipo en arquitectura*. Barcelona: Ediciones Del Serbal, 1993.

- BARDA, M. *Espaço (meta)vernacular na cidade contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOUDON, P. Do espaço arquitetural ao espaço de concepção. In: DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. (org.). *O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007. p. 42-50.
- CARDOSO, A. C. D. *O espaço alternativo: vida e forma urbana nas baixadas de Belém*. Belém: Editora da UFPA, 2007.
- COSTA, S. M.G., PERDIGÃO, A. K. A.V. & CAVALCANTE, L. I.C. Política habitacional em Belém (PA): estudo sobre adaptação habitacional em tipologias multifamiliares. *Argumentum*, 7(2), 2015, p. 302-217. doi: 10.18315/argumentum.v7i2.10491
- CRUZ, V. C. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JR, S. C.; TAVARES, M. G. C. (org.). *Cidades Ribeirinhas na Amazônia: Mudanças e Permanências*. Belém, Editora da UFPA, 2008. p. 48-67.
- DELAQUA, V. "Quem são Lacaton & Vassal? 15 fatos sobre os vencedores do Prêmio Pritzker 2021" [Who Are Lacaton & Vassal? 15 Things to Know About the 2021 Pritzker Architecture Laureates] 21 Mar 2021. ArchDaily Brasil. Acessado 29 Mar 2021. <<https://www.archdaily.com.br/br/958577/quem-sao-lacaton-and-vassal-15-fatos-sobre-os-vencedores-do-premio-pritzker-2021>> ISSN 0719-8906
- DEL RIO, V. Projeto de arquitetura: entre criatividade e método. In: DEL RIO, V. (org.). *Arquitetura: pesquisa e projeto*. São Paulo: Pro Editores; Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.
- DIOGO, A. A. M. *Por uma interpretação urbanística situacional de espaços de moradia autoconstruída. "Vila da Barca: morando sobre as águas" Belém – Pará – Brasil*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano): - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- JACOBY, S. Type versus typology Introduction. *The Journal of Architecture*, 20(6), 2015, P. 931-937, doi: 10.1080/13602365.2015.1115600
- LOUREIRO, V. R. Pressupostos do modelo de integração da Amazônia aos mercados Nacional e Internacional em vigência nas últimas décadas: a modernização às avessas. In: COSTA, M. J. J. (org.). *Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências de pesquisa*. Belém: Editora da UFPA, 2001, p. 47-70.
- MADRAZO, L. *The concept of type in Architecture. An inquiry into the nature of architectural form*. Tese (Doutorado). Swiss Federal Institute of Technology, Zurique, 1995.
- MENEZES, T. M. S. *Referências ao projeto de arquitetura pelo tipo palafita amazônica na Vila da Barca (Belém-PA)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.
- MENEZES, T. M. S; PERDIGÃO, A. K. A. V.; PRATSCHKE, A. "O tipo palafita amazônica: contribuições ao processo de projeto de arquitetura". *OCULUM Ensaios*, 12 (2), 2015, p. 237-254. doi:10.24220/2318-0919v12n2a2758.
- NASCIMENTO, C. F. B. *Até os limites do tipo: emergência, adequação e permanência das propriedades sócio-espaciais dos edifícios de re-formação*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal do Pernambuco. Recife, 2008.
- NASCIMENTO, C. F. B. Nada vem do nada: por uma revisão contemporânea do conceito de tipo edilício. *Pós* (27), 2010, p. 102-120. doi: 10.11606/issn.2317-2762.v0i27p102-120
- NORBERG-SCHULZ, C. *Existence, space and architecture*. New York: Praeger, 1971.
- OLIVEIRA, J. A. DE; SCHOR, T. Das cidades da natureza à natureza das cidades. In: TRINDADE JR, S. C.; TAVARES, M. G. C. (org.). *Cidades Ribeirinhas na Amazônia: Mudanças e Permanências*. Belém, Editora da UFPA, 2008. p. 15-26.
- OLIVEIRA, R. C. Construção, composição, proposição: o projeto como campo de investigação epistemológica. In: CANEZ, A. P.; SILVA, C. A. (org.). *Composição, partido e programa: uma revisão crítica de conceitos em mutação*. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2010, p. 33-45.
- OLIVEIRA JUNIOR, J. A. *Arquitetura Ribeirinha sobre as águas da Amazônia: o habitat em ambientes complexos*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- PERDIGÃO, A. K. A. V. *A dimensão afetiva da arquitetura de espaços habitacionais*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- PERDIGÃO, A. K. A. V.; BRUNA, G. C. Representações espaciais na concepção arquitetônica. In: *IV PROJETAR*, São Paulo, 2009. Anais... São Paulo: Alter Market, 2009.
- PERDIGÃO, A. K. A. V. Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura. *Arquitextos*, São Paulo, 114.05, 2009. doi: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.114/14>.
- PERDIGÃO, A. K. A. V. Tipo e tipologia na palafita amazônica da cidade de Afuá. *VIRUS*, São Carlos v. 13, 2016. doi: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus13/?sec=4&item=2&lang=pt>.

- PERDIGÃO, A. K. A. V.; OLIVEIRA, L. F.; MENEZES, T. M. S. O modo de habitar amazônico: os conflitos espaciais entre a produção informal e a produção formal de moradia na Vila da Barca, Belém, Pará, Brasil. In: CIHEL 2017, Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono. *Anais...* Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2017.
- PERDIGÃO, A. K. A. V. Teoria da produção arquitetônica na Amazônia. In: CARDOSO, A. C. D. (org.). *Trajatória de Pesquisa: PPGAU-UFPA*. Belém: Editora da UFPA, 2019, p. 53-67.
- PEREIRA, R. B. *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- QUIROGA, F. A. Del tipo a la Idea: herramientas teóricas del proyecto arquitectónico moderno y contemporáneo. In: IV PROJETAR, São Paulo, 2009. *Anais...* São Paulo, 2009.
- RAZEIRA, P. S. Ilha do Marajó: Paisagens possíveis. In: LIMA, M. D; PANTOJA, V. (org.). *Marajó: culturas e paisagens*. 2. ed. Belém: IPHAN, 2008. p. 102-127.
- RENTE NETO, F.; FURTADO, L. G. A ribeiridade amazônica: algumas reflexões. *Cadernos de Campo*, n. 24, p. 158-182, 2015.
- SAMPAIO, T. G. *Estudo de tipologias habitacionais amazônicas com análise ambiental para fins projetuais*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.
- SANTOS, V. C. *Requalificação urbana da paisagem de várzea da Vila da Barca - Belém/Pará e suas consequências socioambientais*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.
- SEHAB. *Projeto Social Vila da Barca*. Belém: PMB, 2004.
- SILVA, M. N. E. S. DA. *Investigação projetual de habitação social: o caso "Vila da Barca"*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.
- TRINDADE JR, S. C. DA. Imagens e representações da cidade ribeirinha na Amazônia: uma leitura a partir de suas orlas fluviais. In: ARAÚJO, R. C. *Humanitas*. Belém: UFPA, 2002.
- VELOSO, M. A pesquisa no campo de projeto de arquitetura e urbanismo no Brasil na perspectiva dos Seminários Projetar 2003-2015. *Revista PROJETAR*, 1(1), 2015, p. 53-58.
- WEIMER, G. *Arquitetura popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- XIMENES, J. Belém do Pará: cidade e água. *Cadernos Metrópole*, 17(33), 2015, p. 41-60. doi: 10.1590/2236-9996.2015-3302.

NOTAS

¹ Projeto apoiado pelo Edital MCTI/CNPq/MCIDADES n.11/2012 Universal, coordenado pela segunda autora do artigo.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).